

## Entrevista

# Maria Luiza Braga (UFRJ)

*André Felipe Cunha Vieira*

**Gostaria de começar esta entrevista agradecendo por você aceitar nosso convite e nos receber em sua casa. Ler seu currículo lattes é um exercício de paciência (são 21 páginas em letras miúdas) e também de humildade. Muito resumidamente, são 7 especializações, 3 pós-doutorados, 24 artigos, 6 livros, 36 capítulos de livros, 13 trabalhos completos publicados em anais de congressos, 118 apresentações em congressos, 102 trabalhos técnicos, 42 bancas de mestrado, 61 bancas de doutorado. Onde tudo começou?**

Bem, eu queria fazer mestrado, pós-graduação. Naquele tempo, havia poucos lugares. Tinha Brasília, tinha a UNICAMP, USP e Rio de Janeiro. E eu vim pra PUC-RJ. Também tinha na UFRJ, mas eu vim pra PUC. Ela tinha um curso chamado “nivelamento” que era um tipo de preparatório. Graças a Deus, fui bem colocada. Havia possibilidade de bolsa. Eu parei na USP. Como a USP é imensa, eu me perdi lá dentro (risos), e eu já tinha passado mesmo na PUC. Eu desisti de ir pra USP, e acho que fiz uma ótima escolha. Vim pro Rio. Eu tinha uma turma ótima com muitos amigos, muita gente de fora do Rio, então a gente se ajudava mutuamente. Foi um período muito bom da minha vida, o de mestrado.

**Como sua formação em Letras-Inglês pela Universidade Federal de Uberlândia lhe instigou a pesquisar em Linguística?**

Bem, naquela época, a graduação nem oferecia linguística ainda. Quando eu fui fazer o vestibular, eu fiquei em dúvida, porque eu também gosto muito de História. Eu fiquei em dúvida entre Letras e História, e eu optei por letras. Depois eu comecei a trabalhar em Uberlândia e, como eu te disse, eu tinha vontade de estudar, de aprofundar.

**Sua família teve alguma coisa a ver com a escolha?**

Não, mas eu venho de uma família de professores, sempre gostei muito de ler. Então a questão nem se colocava. Já estava, desde o começo, previsto que eu iria pra universidade.

**Nesta época (1967 – 1974), você foi professora assistente na Universidade Federal de Uberlândia. Como você descreveria essa primeira experiência como professora de nível acadêmico?**

Olha, eu comecei a trabalhar muito nova. Antes de dar aula na universidade eu dei aula no primeiro e segundo graus. E eu confesso que sou uma total falha com crianças. Elas fazem o que elas bem querem de mim (risos). E a medida em que eu comecei a dar aulas para pessoas mais velhas, naquela época era secundário, eu via que eu me dava melhor. E trabalhar na universidade sempre foi muito prazeroso. O fato de poder discutir, sabe? Eu acho que é muito estimulante.

**Entendi. Em 74, você saiu de Uberlândia para fazer o mestrado na PUC, como você já disse, e então teve a oportunidade de ouro de ser orientada pelo homem que trouxe ao Brasil a Teoria da Variação e Mudança. Você sentia, naquela época, que vocês estavam fazendo história?**

Olha, eu sei que a primeira aula que o Naro deu, eu decidi que queria estudar com o Labov e que queria fazer Sociolinguística. E na verdade o Naro ia dar outro curso. Ele ia dar um curso que se chamava *Línguas em Contato*. A gente já tinha ouvido falar no Labov, então os alunos pediram que o curso fosse sobre Sociolinguística Variacionista. Ele, como sempre muito modesto, disse: “Ah... então me deem uma semana que eu preciso me preparar” (risos). Ai ele se preparou, e eu me encantei. Me encantei pela Sociolinguística, me encantei pela Teoria da Variação.

**Como foi o desenvolvimento dos seus planos acadêmicos após o mestrado na PUC em 78?**

Bem, como eu te disse, eu estava decidida a estudar com o Labov. Ai o Naro falou assim: “Poxa, vai pra Califórnia. É muito mais interessante. O clima é muito mais agradável!” E eu respondi: “Não... eu quero estudar com o Labov!” (risos). E, naquela época, era mais fácil conseguir bolsa para fazer todo o doutorado no exterior. Eu consegui a bolsa, fui, e o Greg (Gregory Guy), já era um grande amigo e estava me esperando. O começo foi difícil, na Filadélfia. Foi uma mudança, em tudo. É um lugar frio. Eu estava vindo do Rio de Janeiro. E havia, pelo menos quando eu estudei, um clima de muita competição. Exatamente o oposto da minha experiência no Rio de Janeiro, onde eu te disse, a gente tinha esse grupo de amigos. A Marta Scherre, a Nelize, a Helena, a Hilda, o Zé Reis, o Alcir, o Alzir, e muitos outros. E todos eram muito solidários. A gente se ajudava mutuamente. Quando eu cheguei nos Estados Unidos, foi bastante difícil. Eu aprendi muito. Aprendi muito em termos de vida. O Naro diz brincando que eu aprendi Linguística e a cozinhar (risos).

**Seu doutorado na Universidade da Pennsylvania foi orientado pelos lendários Gillian Sankoff, William Labov, Ellen Prince e Anthony Naro. Como foi a convivência com esses nomes?**

Hoje, que eu sou mais velha, eu olho para o passado e acho que eles colaboraram bastante. Mas, como eu te falei, o estilo americano e o estilo brasileiro são bem diferentes, e, na época, aquilo era problemático pra mim. A convivência pessoal...

### **Com os orientadores?**

É. A Gillian sempre foi muito receptiva. A Helen Prince, de quem eu gostava muito, ela se comportava diferentemente no escritório e nos corredores. No escritório, ela era maravilhosa e disponível. Mas não tinha essa proximidade que a gente tem no Brasil. E no começo eu estranhei muito. O Labov também.

### **Como você descreveria a situação linguística americana naquele tempo, em termos de pesquisa?**

Muito instigante. Eu gosto da experiência nos Estados Unidos. A tradição de pesquisa era mais desenvolvida lá, também as bibliotecas na época. O uso dos computadores estava começando a se desenvolver. E uma coisa que eu achei ótima quando eu estava na Califórnia é que a gente podia pegar um ônibus sem pagar nada. Pegava no campus, em Santa Bárbara, te deixava na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Você ficava lá pesquisando, o ônibus te pegava e te trazia. Se você quisesse um livro emprestado era só ir à biblioteca e eles providenciavam, traziam o livro de outra unidade da universidade. Existiam as pré-condições materiais para as pesquisas. Foi uma experiência que contribuiu bastante.

### **Como foi a volta para o Brasil?**

Bem, depois de quatro anos na Filadélfia, é CLARO que eu estava acostumada (risos) e foi um pouco difícil. Mas voltar da Califórnia foi MUITO pior.

### **Pois é. Como era o ambiente acadêmico, se você conviveu com ele, nesse momento do primeiro retorno ao Brasil?**

Quando eu cheguei, meus amigos eram meus colegas [de profissão] ou meus ex-professores. Assim que eu cheguei, o Naro e o Sebastião Votre me convidaram para eu participar do PEUL. Não houve nenhuma interrupção. Naquela época, Giselle, queridíssima, ainda era viva e muito ativa. Foi um período de muito trabalho. As reuniões e discussões semanais. Fazer a coleta daqueles dados [o Censo 80 e 2000] e, principalmente, as transcrições com as três linhas deram um trabalho muito grande, mas eu aprendi bastante com tudo.

### **Seis anos depois do término de seu doutorado, lá está você novamente fazendo seu primeiro pós-doc na Califórnia, como você já disse. Como e por que a decisão de retornar pra lá?**

Primeiro porque eu, como te disse, acho que a experiência de estudar no exterior é importante e contribui para a formação acadêmica. E depois, grandes nomes, na abordagem que me interessa, estavam na Califórnia. Além de serem profissionais muito competentes e com larga experiência, a Sandra [Thompson], o Chafe, o du Bois e outros, eles foram tão receptivos. Eu fui tão bem recebida, tão bem acolhida! E também dei sorte, porque havia vários colegas, americanos e estrangeiros no mesmo programa. Semanalmente havia encontros com o Chafe e com a Sandra. E passeios organizados pela Fullbright e amigos. Foi uma experiência ótima. Eu aprendi bastante.

**De volta ao Brasil, você lecionou na PUC-Rio, na UFF, na UNICAMP e na UFRJ, onde está até hoje. Partindo da sua experiência em tantas universidades brasileiras, como você descreveria o amadurecimento dos estudos linguísticos por aqui?**

Se eu penso na minha graduação eu acho que houve um avanço. Naquela época, havia poucos doutores no Brasil, poucos programas de pós-graduação. E, ao longo desses anos, particularmente nos últimos anos, um maior número de pessoas se capacitou em Linguística, foram abertos novos programas. Claro, claro que a gente quer muito mais. Eu fico pensando na graduação. A gente quer muito mais. Mas eu avalio positivamente. Você sabe, eu venho do interior, quando eu estudava em Uberlândia não havia internet e, muito menos, Amazon. E quando eu volto a Uberlândia, por exemplo, vejo que todos os meus colegas são doutores. O país é muito grande. Foram décadas, séculos de descaso. Você veja que o Brasil foi o país, na América Latina, que mais tardiamente teve universidade (e o último a abolir a escravatura). Quando Dom João VI chegou aqui, havia pouquíssimas escolas. Então houve sempre este descaso que só muito gradativamente está sendo revertido.

**Resta alguma frustração acadêmica?**

Particularmente minha, não. Meus ex-orientandos e orientandos me dão muito orgulho. Gosto, particularmente, do trabalho na pós.

**Há alguma coisa específica que se você pudesse mudar na realidade da Linguística como disciplina, no Brasil, você mudaria?**

Mais a investimento, verba para a graduação e pós. Mais cursos, laboratórios. Incentivaria o diálogo entre as várias linhas de pesquisa. Tentaria facilitar o acesso a boas bibliotecas e a pesquisas mais recentes. Investiria na formação dos alunos e pesquisadores. Acho que a palavra certa seria melhorar a infraestrutura eficiente os cursos e projetos de pesquisa. Mas acho isso tudo está dentro de um contexto maior, que é a própria situação no Brasil.

**E há algo que você faria de tudo para que não mudasse?**

O que eu não quero é que haja um retrocesso.

**Você fez mais dois pós-docs entre 2007 e 2012, os dois na Europa (Amsterdã e Lisboa). Você viu muita diferença no comportamento acadêmico lá, em relação ao Brasil e Estados Unidos?**

Bem. A infraestrutura na Universidade de Amsterdã é boa. Eu trabalhei com o *Kees Hengeveld*. Ele é bastante sério. Quando eu cheguei, ele disse: “*Só por uma questão de ritmo, a gente vai se encontrar uma vez por semana*”. Depois, essa uma vez por semana passou para duas vezes e meia (risos). Muito gentil! Só uma questão de ritmo! (risos intensos). Foi interessante. Depois eu fui pra Portugal. A situação lá é menos boa. Portugal está atravessando um período difícil, com a situação econômica ruim, menos recursos. Mas a troca acadêmica com os colegas foi produtiva.

**Em sua opinião, a que se deve a força dos estudos de orientação funcionalista no Brasil?**

Eu acho que o trabalho com o uso, dados empíricos, isso é um apelo grande. E depois, atualmente, a interface com a cognição, com os estudos tipológicos, fortalece o interesse pelos modelos baseados no uso. Foi a minha opção.

**Quem é o linguista que mais inspira ou inspirou a Maria Luiza Braga?**

Olha, o Naro é uma pessoa importante na minha formação (Acho que vou mandar uma cópia desta entrevista para ele!). A Sandra Thompson, o Chafe. Os contatos que tive ao longo da minha vida acadêmica. Os professores e colegas com quem convivi nestes lugares todos por onde passei. Em ordem cronológica, Uberlândia, Rio, Lisboa, Filadélfia, Santa Barbara, Campinas, Amsterdã, Lisboa.

**Quem é o linguista que você gostaria de ter conhecido, mas não pode?**

O Dik, na Holanda, é um nome importante. Pelo que ouço, uma pessoa brilhante e generosa. Quando fui para lá ele já havia falecido. E algumas pessoas do começo da Linguística Funcionalista que tiveram *insights* maravilhosos. Bollinger, por exemplo. Eu também gostaria de conhecer, pessoalmente, o Haiman, o Tomasello...

**Mas esses ainda tão vivos.**

(Risos)

**Qual conselho que Maria Luiza daria para aqueles que estão no início dessa carreira?**

Bem, eu não tenho nenhum conselho a dar. O que eu tento é estimular os meus alunos. Eu tenho tido resultados tão bons! Grande orgulho deles!

**Então isso me leva à última pergunta. Quem é seu orientando preferido?**

Essa, eu não respondo (risos).

**Nota do Editor :**

A Revista Linguística Rio agradece à professora Maria Luiza Braga pela cordialidade e disponibilidade para esta entrevista.

Maria Luiza destacou a experiência pessoal e acadêmica fora do Brasil como fatores importantes para sua carreira. Embora as bolsas de doutorado pleno no exterior sejam menos procuradas hoje em dia, o PosLing tem enviado entre dois ou três doutorandos por ano como colaboradores em instituições estrangeiras através do *Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior* (PDSE) da Capes e de outros editais como o *SWE* do CNPq e o *Programa Fullbright*. Este esforço vem trazendo, além de contatos importantes para o Programa, uma grande contribuição na formação dos novos doutores.

Esperamos que o conhecimento da experiência pessoal e acadêmica de professores como Maria Luiza e as oportunidades oferecidas pelo Programa possam inspirar as novas gerações e ser um diferencial na formação da nova safra de linguistas.